

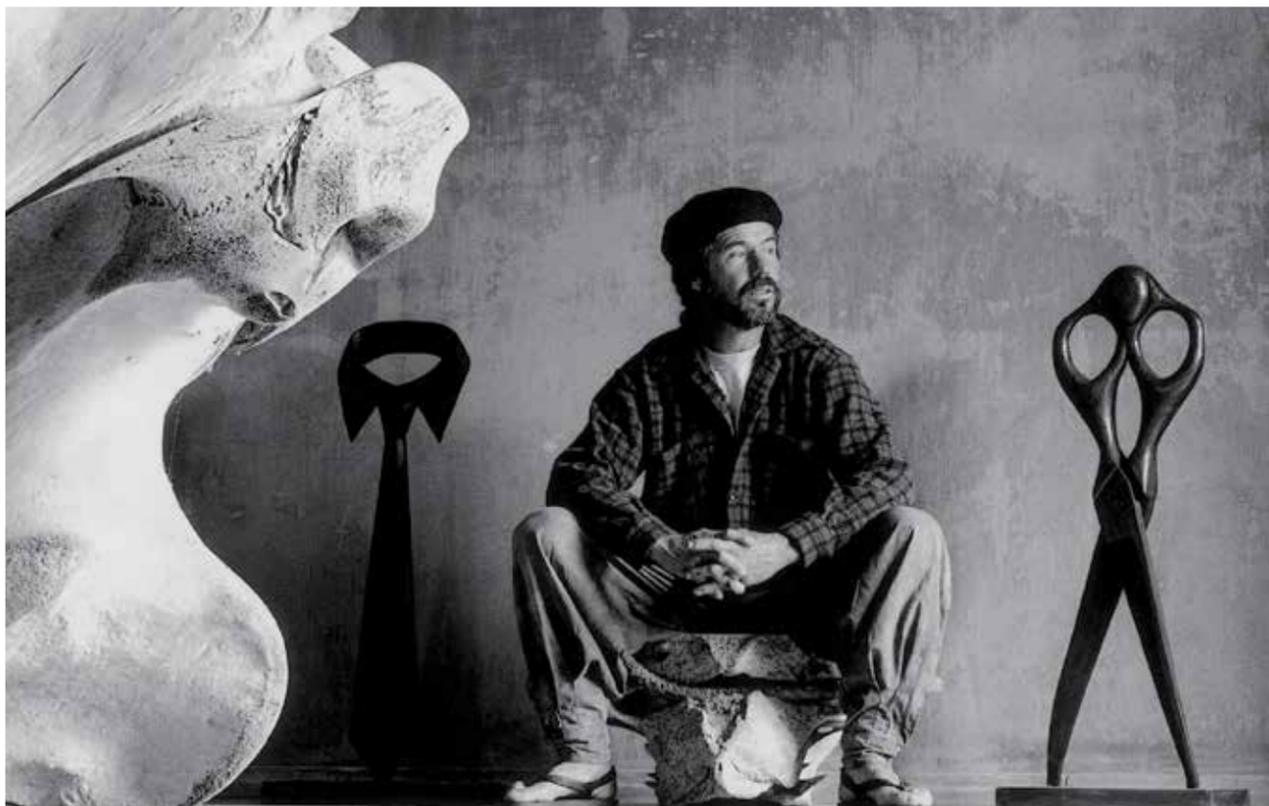


02...

## O último morador do Brasil

A poucos metros da fronteira com o Uruguai, no fim de uma praia de 225 quilômetros de extensão, um artista plástico esculpe ossos de baleia. Conheça esse universo paralelo, onde o vento dá a palavra final

por Décio Galina, de Barra do Chuí (RS)  
fotos Ricardo Rollo



As salas do museu onde está a obra de Hamilton Coelho mesclam peças de madeira e ossos de baleia (acima, em primeiro plano, e na página ao lado)

**D**e *gageta* em punho, apreciando na pequena cuia a *pura hoja*, de paladar mais forte e amargo do que o brasileiro está acostumado, Hamilton Posada Rodrigues, o Hamilton “Coelho”, sorve o chimarrão do jeito que o uruguaio gosta. Algo natural para este gaúcho que vive há dez anos cá e lá, a duzentos metros da fronteira, perto da ponte sobre o arroio do Chuí. Coelho é o último morador do Brasil. Ou o primeiro — caso você venha das bandas do Uruguai.

A praia no quintal de Coelho, na Barra do Chuí, não é dessas para dar uma caminhadinha de uma ponta a outra no fim de tarde. Ela quase não tem fim: são 225 quilômetros até o município de Cassino, orgulhoso da alcunha de possuir “a maior praia em extensão do mundo”. Lugar onde a turma toma banho de sol ao lado do carro para se proteger do vento descomunal. Rajadas para todos os lados de um modo que é difícil até conversar com quem está perto. Jogar frescobol? Esquece.

Em compensação, dá para curtir a brisa a bordo das vagonetas movidas a vela que deslizam por 4 quilômetros de trilhos do molhe oeste — braço de pedra construído mar adentro com o propósito de manter a profundidade do canal que leva os navios ao porto de Rio Grande. Nada mal presenciar o trânsito de embarcações enormes em mão dupla na avenida de molhes. O navio *Altair*, porém, 20 quilôme-

tros ao sul dos molhes, não vai a lugar algum desde o naufrágio no inverno de 1976, quando uma tempestade o deixou encalhado, no ponto para virar atração turística. A estátua de Yemanjá é outra que atrai a atenção dos forasteiros — está para nascer Yemanjá mais sensual. Pronto. Acabou o Cassino. Dali aos confins do Chuí, uma larga faixa de areia, quatro faróis, vento a granel, mar encrespado e toda a força do nada.

De alguma forma, essa vastidão sempre atraiu Coelho. “Uma solidão povoada de sons e imagens”, como gosta de definir. Concluiu os seis anos de escultura e gravura na Federal de Pelotas, fez a mala e se mandou para viver só na praia do Hermenegildo, lugar ►





Dois ossos de mandíbula do maior animal do planeta compõem a entrada do bar Marujo Barujo, que o artista construiu com a ajuda de amigos no terreno do museu. É lá que ele gosta de ouvir seus LPs prediletos, como os de Hermeto Pascoal e Egberto Gismonti. Ao lado, vértebra de baleia; detalhe da mão de Hamilton segurando a gajeta; e os incisivos saltados que renderam o apelido de Coelho. Na página ao lado, o ateliê com o oceano ao fundo; e o gaúcho com o gato Mimo no colo

minúsculo mesmo se comparado à quase parando Barra do Chuí. “Talvez a solidão seja fundamental para a poesia de cada um.” Coelho fala cheio de recortes, pausas. Esculpe as frases sem obedecer muita ordem. Apalpa os assuntos e vende caro uma opinião direta. Divaga, cativa, escapa. “Pessoas sós são mais cordiais.” Hoje desfruta da companhia dos cães Tupi, Rabicó e Castelhana, e do gato Mimo. Rabicó e Tupi não se fuçam; quando brigam, nem balde d’água os separa.

Osso de baleia. Ao redor de Coelho, redes de pesca, cordas, pedaços de barco e ferramentas mil quase somem no universo de costelas gigantescas, mandíbulas, caixas cranianas e cabeças de omoplata do maior animal do planeta. Osso de baleia esculpido. “Não é só pelo estético. É mais pela imaginação... A peça vira um território desconhecido. Fico à mercê da forma, da textura desse mármore marinho.” No ateliê todo feito de madeira de naufrágio, o artista ataca dez diferentes peças ao mesmo tempo. Alisa a peça, troca de ferramenta, descobre novos ângulos. Surpreende-se. “A inspiração é o ato.” Uma rede de algodão se estica no mezanino bem na altura da janela com vista oceânica. “O mar aberto, muito revoltado, funciona como berço de minha poética. Ele desenterra fósseis, cospe tudo na praia e eu vou ▶





No extremo sul do Brasil, a paisagem da praia do Cassino é varrida constantemente por rajadas de vento. Na larga faixa de areia, há trânsito de carros, charretes, motos e até caminhões. Abaixo, estátua de Yemanjá; e as vagonetas movidas a vela que deslizam por 4 quilômetros de trilhos no molhe oeste do Cassino — os molhes garantem o vai-e-vem de navios no porto de Rio Grande

lá buscar.” Acostumado a esses presentes, Coelho completa 49 anos no dia 26 de julho faminto pelos próximos 50. “Eles serão melhores. Vou conhecer mais o vento, a Lua... Vou andar melhor. Não vou ter pressa porque ela passa por cima.”

Além de se multiplicar no ateliê, cuida do museu — onde também conserva belíssimas esculturas de madeira como *A mulher e o outono* (1976) e *Ar* (1980) — e trabalha no instituto Balaena Australis. “A educação é o ponto de partida. É um desrespeito o que estão fazendo com o planeta.” Coelho recebe grupos de crianças de várias cidades gaúchas e faz o que for preciso para incrementar projetos de preservação ambiental. Confessa porém estar em um momento deveras criativo, louco para esculpir cada vez mais. Implora por tempo. Quer mergulhar no osso de baleia sem ser interrompido. Reconhece também que está na hora de comercializar as cerca de 50 obras dos primeiros 20 anos de carreira — até então, vendeu oito, com preço máximo de US\$ 1.500. Sabe que como consequência disso talvez se descole um pouco da fronteira e visite alguns lugares com mais frequência — a última vez que esteve em São Paulo faz 10 anos e há 3 meses está longe de Porto Alegre, a 537 quilômetros da Barra do Chuí.



O navio *Altair* jaz a 20 quilômetros ao sul do centro da praia do Cassino. Ele naufragou no inverno de 1976, quando uma tempestade cruzou sua rota

Flutuando entre o ateliê de madeira de naufrágio e o museu térreo de cimento, Coelho vive longe dos filhos nessa terra de rajadas e mar. Guilherme, de 22 anos, e Antonia, de 15, tocam a vida em Pelotas, a 272 quilômetros dali. Mais perto está a mãe, Marina Posada Rodrigues. “Quando veraneávamos, ele fazia casinha de areia. Ia longe. Eu pensava: ah, meu engenheiro...”, recorda dona Marina. “No aniversário de 15 anos, ficou desenhando sozinho no quarto.” Aos 81 anos, ela continua firme e forte em Santa Vitória do Palmar, cidade natal de Coelho, ali pertinho, a 30 quilômetros. O pai do artista? Assunto delicado.

“Fiquei no quarto com ele até o último minuto. Morreu há dois anos e foi o baque mais forte de minha vida. Pai dá segurança. Ele me trazia pão e leite. Era o parceiro mais próximo.” O vento bate insistente no mirante do ateliê — lembra da rede em frente à janela? É daqui que se vêem espécies como a franca, o cachalote e a mink. São elas as baleias que mais dão as caras nesses lados. É daqui também que se comprova o colorido insano do nascer e do pôr-do-sol do fim (ou começo) do Brasil. Na foto com o ídolo, o abraço em Frans Krajcberg, artista engajado até o osso com ecologia. “Só faltou beijo na boca”, diz abraçado à garrafa térmica.

Entre um silêncio e outro, que aliás tanto falam sobre sua vida e obra, a curiosidade de saber de onde veio o Coelho, já que o sobrenome é Posada Rodrigues. “Eu, guri, era puro dente!” Está tudo explicado: dente de coelho. Os planos agora miram o Albardão, um ponto avançado na praia onde o artista reúne alguns ossos colhidos na orla. Está tudo pronto para a saída, quando sopra nervoso o vento sul, que altera radicalmente as condições climáticas e aborta a jornada. “Não dá para ir a lugar nenhum com esse vento”, sentencia o artista. O negócio é sentar e esperar. Como se nem estivéssemos ali, entre o mar, a chuva, o vento sul e esses onipresentes ossos de baleia. ▲

